

Reflexões pontuais sobre a *superação da Metafísica* em Nietzsche e Heidegger. Plausibilidade de imbricamento entre ética e metafísica

Adolfo Borges Filho*

Sumário

1. Introdução: o que é *metafísica*? 2. Breve análise sobre a *superação da Metafísica* em Nietzsche e em Heidegger. 3. Conclusão: A Ética como *centro plausível* da Metafísica. Referências Bibliográficas.

Resumo

O propósito principal deste artigo é perquirir, de forma resumida, sobre a possibilidade de a Metafísica ser *superada*, pondo-se em evidência posicionamentos de Nietzsche e Heidegger. A Ética como *centro plausível* da Metafísica.

Abstract

The main purpose of this article is to inquire, in a nutshell, about the possibility of Metaphysics' resilience, putting in evidence Nietzsche's and Heidegger's positionings. Ethics as a plausible center of Metaphysics.

Palavras-chave: Metafísica. Superação. Nietzsche. *Super-Homem*. Heidegger. *Ser-para-a morte*. Ética.

Keywords: *Metaphysics. Resilience. Nietzsche. Superman. Heidegger. Be for death. Ethics.*

1. Introdução: o que é *metafísica*?

O filósofo francês André Comte-Sponville, no seu precioso "*Dicionário Filosófico*", define *metafísica* como sendo "uma parte da filosofia, a parte referente às questões mais fundamentais, digamos, às questões primeiras ou últimas: o ser, Deus, a alma ou a morte são problemas metafísicos". E aponta, sob o mesmo verbete, a origem da palavra:

* Pós-graduado em Filosofia pela UCB. Procurador de Justiça aposentado do Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro. Vice-Diretor da Revista de Direito do Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro. Professor emérito da FEMPERJ (Fundação Escola Superior do MPRJ). Foi *Visiting Scholar* na Harvard Law School (EUA) no ano acadêmico 1980-81.

[q]uando no século I a.C., quis editar as obras esotéricas de Aristóteles, Andrônico de Rodes agrupou os textos ou tratados de que dispunha em certo número de coletâneas, que organizou como pode [...] Numa dessas coletâneas, ele reuniu certo número de textos maiores, que se referiam à ciência do ser como ser, aos princípios primeiros e às causas primeiras, à substância e a Deus, em suma, ao que Aristóteles teria chamado, se ele próprio fosse dar um título, texto de “filosofia primeira.” [...] (Sponville, 2003:386)

Alargando mais esse conceito, o professor italiano Nicola Abbagnano, no seu “Dicionário de Filosofia”, esclarece que:

A Metafísica apresentou-se ao longo da história com três formas fundamentais diferentes: 1ª como teologia; 2ª como ontologia; 3ª como gnosiologia. A caracterização hoje corrente de M. como “ciência daquilo que está além da experiência” pode referir-se apenas à primeira dessas formas históricas, ou seja, à M. teológica; trata-se de uma caracterização imperfeita, porquanto leva em conta uma característica subordinada, por isso inconstante, dessa metafísica.

O conceito de M. como teologia consiste em reconhecer como objeto da M. o ser mais elevado e perfeito, do qual provêm todos os outros seres e coisas do mundo. O privilégio de prioridades atribuído à M. decorre, neste caso, do caráter privilegiado do ser que é seu objeto: é o ser superior a todos e do qual todos os outros provêm. (Abbagnano, 2007:767)

O Professor Cristian Marques, em artigo publicado na *web*, intitulado “Superação e retorno à metafísica” assinala que Heidegger dizia:

[q]ue era preciso superar a metafísica ocidental porque ela foi a história de um discurso sobre um ente de âmbito teológico (HEIDEGGER, 1935). Nos termos dele, era preciso se perguntar pelo ser mesmo, pelo ser enquanto ser não objetificado, como o foi pela teologia e pela filosofia. (site *Ermira*: ermiracultura.com.br. *Projeto Ensaios*)

O que para o ser humano continua sendo um *grande mistério*, como a sua própria existência, acabou levando-o à busca de um Ser Superior responsável pela sua criação e pela construção do universo com todos os entes que nele habitam. Por essa razão é que o filósofo Nicola Abbagnano enfatiza a “forma histórica” da

Teologia como uma espécie de fonte primária, que tenta oferecer ao ser humano o conhecimento acurado de toda essa realidade que nos cerca. Para Sócrates, por exemplo, sem a morte não haveria filosofia... E ao perquirir sobre a morte, como ápice da finitude humana, renomados filósofos tentam obter alguma explicação plausível, acerca de sua essência, no âmbito da metafísica.

O mais intrigante, *v.g.*, é imaginar-se um cenário comparável, grosso modo, a um quadro de *natureza morta*, quando, em linguagem bíblica, Adão e Eva ainda não haviam sido criados por Deus! Até se evoluir para o *homo sapiens*, criado (ou não) à imagem e semelhança desse Deus, milhares de anos se acumularam num vazio inexpugnável. E tudo o que existe na face deste planeta é obra desse *ser* que continua em busca de suas origens, apelando, com frequência, a dogmas que lhe foram incutidos na mente, sem o apoio de uma comprovação científica válida. Paralelamente a essa busca de suas raízes, o ser humano continua *criando* e, nos dias de hoje, a *inteligência artificial*, com os seus algoritmos, incompreensíveis para grande parte da humanidade, ocupa lugar de destaque nos mais diferentes setores de atuação profissional.

Nessa busca desenfreada de explicações, o historiador Yuval Noah Harari, dedica, no seu livro “Homo Deus – A Brief History of Tomorrow”, um capítulo dedicado ao “dataísmo”, sob o título “The Data Religion”. O Dataísmo, segundo o autor,

*[...] declares that the universe consists of data flows, and the value of any phenomenon or entity is determined by its contribution to data processing. [...] Dataism thereby collapses the barrier between animals and machines, and expects electronic algorithms to eventually decipher and outperform biochemical algorithms.*¹ (Harari, 2015:428).

O filósofo coreano Byung Chul-Han, no seu livro “Capitalismo e Impulso de Morte”, esclarece que o dataísmo parece mesmo vir acompanhado de um niilismo. Segundo ele,

O dataísmo se dá como renúncia ao sentido e às relações, de modo que os dados deveriam preencher o vazio de sentido. O mundo inteiro se desfaz e passa a consistir de dados, e nós perdemos de vista cada vez mais, nesse processo, as grandes relações, as mais elevadas. Nesse sentido, dataísmo e niilismo são dois lados da mesma moeda. (Han, 2019: 76-77)

¹ “[d]eclara que o universo consiste em ondas de dados, e que o valor de qualquer fenômeno ou entidade é determinado pela sua contribuição no processamento de dados. [...] Dataísmo, desse modo, põe abaixo a barreira entre animais e máquinas, e espera que algoritmos eletrônicos eventualmente decifrem e superem algoritmos bioquímicos.”

Na esteira desse raciocínio, o filósofo Nicola Abbagnano conclui sua definição de Metafísica, acentuando:

O que resta da M. na filosofia contemporânea – e não resta como mera sobrevivência, mas como parte viva da investigação – não possui mais esses caracteres tradicionais. A M. está de fato presente e atuante na filosofia contemporânea na forma de dois problemas conexos: 1º o problema do significado ou dos significados de *existência* na linguagem das diversas ciências; 2º o problema das relações entre as diversas ciências e das investigações sobre objetos que incidem nos pontos de intersecção ou encontro entre elas. (*ibidem*: 768)

2. Breve análise sobre a *superação da Metafísica* em Nietzsche e em Heidegger.

No tocante à questão da *superação da Metafísica* (se é que essa *superação* se faz realmente plausível), examinaremos, de maneira perfunctória, posicionamentos de Nietzsche e de Heidegger acerca do tema.

Entendemos que Nietzsche parece “tentar” tal *superação* conduzindo-nos à ideia de que o homem está entregue a si mesmo, inexistindo essa realidade paralela, “além da física”, de onde proviria a razão da sua própria essência e existência. Percebe-se, de pronto, um ataque frontal a qualquer tipo de explicação *teológica* quanto à origem ou explicação do *ser*. Essa explicação deve ser encontrada na própria humanidade. No entanto, o que ele denomina *vontade de potência* deve ser objeto de conquista permanente a fim de que o homem extrapole as suas próprias barreiras e atinja uma condição de *super-homem*. E ele passa a “delirar” sobre o mundo inteiro consoante afirmado por Deleuze.

Reais personagens de *super-homens nietzschianos* podem ser encontrados em várias partes do mundo, encarnando papéis de ditadores frios e autoritários, que conseguem se blindar de qualquer vestígio de culpa em suas ações beligerantes. Lançam mísseis e destroem populações inteiras sem qualquer tipo de remorso, e ainda colhem os louros das “vitórias” nas reuniões de cúpula com chefes de nações submissas, que os enaltecem em troca de favores dos mais variados tipos. Cheguei a aventar, em artigo publicado nesta mesma Revista, que na magistral obra “Crime e Castigo”, do grande escritor russo Dostoiévsky, o personagem central Raskolnikov carrega no seu inconsciente uma culpa incurável pelo fato de não ter conseguido expurgar de sua alma o remorso em relação aos dois bárbaros assassinatos por ele perpetrados. Se houvesse conseguido transpor a “barreira” da culpa e se tivesse conseguido blindar o seu espírito com a frieza de um Napoleão Bonaparte, certamente teria subido ao pódio destinado aos *super-homens nietzschianos* e outro teria sido o seu destino na trama engendrada pelo escritor.

Para a professora Gabriela Lafetá Borges, em palestra proferida na UCB:

O pensamento de Nietzsche é bastante intrigante e nos faz refletir sobre esse “além do homem”, esse “super-homem” com “vontade de potência”, após a decretação da morte de Deus. Qual é a essência desse super-homem? Quais os limites dessa “vontade de potência”? Penso que quando Nietzsche fala em “eterno retorno” é porque ele constatou que a história da humanidade, em termos de conquistas, brutalidades, barbáries e pseudotriunfos está fadada a se repetir indefinidamente justamente porque sempre existiram esses “super-homens” cuja “vontade de potência” se voltou justamente para a submissão e o domínio de outros homens, dos mais “fracos”.

Parece-nos que a *vontade de potência nietzschiana*, analisada sob a ótica heideggeriana, acaba resultando no ‘esquecimento’ de que o homem é um *ser-aí (dasein)*, cujo destino inevitável é a própria morte: um *ser para a morte*. Difícil, portanto, conciliar uma “trama vitalista da existência” com a própria *impossibilidade de expansão contínua* dessa existência “privilegiada”. Citando o professor Nicola Abbagnano:

Viver para a morte significa compreender a impossibilidade da existência enquanto tal. “A morte – diz Heidegger (*ibid.* par. 53) – enquanto possibilidade, não dá nada ao homem para realizar”. É a possibilidade da impossibilidade de todo o comportamento, de toda a existência (*ibid.*, p.53). A existência é essencialmente, radicalmente, impossível; o que é possível é a compreensão desta impossibilidade. O viver para a morte é precisamente tal compreensão. Mas, dado que toda a compreensão é acompanhada por um estado emotivo que põe o homem imediatamente perante o seu ser de facto, também a compreensão da morte é acompanhada por uma tonalidade emotiva, que é a angústia.

Para Heidegger, a *existência autêntica* de todo ser humano consciente se constitui, justamente, na sua compreensão do que se denominaria “nulidade radical da existência”. Ademais, nessa dinâmica de pensamento, o *dasein*, antecipa e projeta uma realidade a que todos os vivos estão sujeitos. Será que o *super-homem nietzschiano* possui essa *compreensão*? Será que o *super-homem nietzschiano* não pode se inserir no rol dos transtornos de personalidade, seja como psicopata ou como sociopata?

3. Conclusão: A Ética como *centro plausível* da Metafísica

Bastante pertinente a indagação da professora Gabriela Lafetá Borges, inserida no bojo da supracitada palestra: “Há como pensar uma metafísica, sem um centro?” A nosso juízo, a resposta se faz negativa. A professora Marcia Sá Cavalcante Schuback, no artigo “O Vazio do Nada – Heidegger e a questão da superação da metafísica” (capítulo do livro “Metafísica Contemporânea”, editora Vozes, afirma que:

Metafísica diria assim – fundamentalmente, a evidenciação desse dar-se em retraindo-se, um em si que é para além de si. Ser em si mesmo para além de si mesmo, é ser no modo de uma insistente superação. É ser numa insistente superação de limites. Por isso, metafísica determina-se como acabamento (*Vollendung*), isto, pôr a termo com o próprio limite. Nesse sentido, superação da metafísica seria uma tautologia. Metafísica já é movimento de superação – ser em si para além de si. Vivemos sob o consenso de que o pensamento de Heidegger sofre uma virada, uma *Kehre*. Se há virada no pensamento de Heidegger é porque, de um lado, pensamento é, para Heidegger, nele mesmo uma “virada” e, de outro lado, porque Heidegger vai radicalizar a visão de que superação da metafísica não pode ser pensada como um “para além” da metafísica. Um para além do que uma “metafísica da metafísica”. A questão decisiva para Heidegger é: a tarefa de um pensamento não-metafísico não reside em configurar uma estrutura de negação da metafísica, mas em abandonar o prisma das dicotomias, das oposições, das contradições, das negações. (Schuback, 2007:84)

Não se pode deixar de mencionar a Metafísica dos Costumes estruturada por Kant. Observe-se que ele explora a dimensão moral da ação humana, por intermédio da *razão prática*, em busca de argumentos universais para a ética. Entra em cena o *imperativo categórico* que se revela como responsável ao embasamento da moralidade que, por sua vez, encontra suporte na autonomia da vontade e no acatamento à lei moral. Na verdade, a lei moral fundamental é o próprio *imperativo categórico*.

Em nosso pensar, a *superação da metafísica* é, de fato, uma espécie de tautologia porque ela não deixa de ser um “olhar diferenciado” da própria metafísica. No próprio âmago da “superação” se localiza o desejo de busca de um algo que esteja além da matéria e que possa ser a fonte de tudo o que existe; a explicação da própria existência no seu sentido mais abrangente. Mesmo na concepção de Nietzsche, com a ideia de *super-homem*, percebe-se que a denominada *vontade de potência* se constitui numa energia que transcende o homem e que tenta, nos próprios lindes do humano, descobrir um *plus* que, no fundo, justifique o *ser*. Em Heidegger, num primeiro instante, percebe-se no *Dasein* (*ser-aí*), enquanto *ente privilegiado*, a voz da

consciência indicando-lhe que o caminho para a *existência autêntica* desemboca na única possibilidade realizável e inevitável, ou seja, na única certeza possível que é a morte. Daí, o *ser para a morte*. E, do outro lado, no além morte, o *nada*... Esse nada já se acha inserido, também, como matéria de reflexão, dentro da própria metafísica. E a *existência autêntica* leva o homem à *angústia*. Aliás, essa angústia provoca no ser humano um desejo imenso de explicar o inexplicável, o inacessível, aceitando, concomitantemente, a sua finitude. A *angústia*, como sentimento, pode ser devastadora como afirmado por Albert Camus ao falar do *absurdo* e do *suicídio* na sua obra "*Le mythe de Sisyphe*" (Camus, 1942: 17).

"Il n'y a qu'un problème philosophique vraiment sérieux: c'est le suicide. Juger que la vie vaut ou ne vaut pas la peine d'être vécue, c'est répondre à la question fondamentale de la philosophie. Le reste, si le monde a trois dimensions, si l'esprit a Neuf ou douze catégories, vient ensuite. Et s'il est vrai, comme le veut Nietzsche, qu'un philosophe, pour être estimable, doit prêcher d'exemple, on saisit l'importance de cette réponse puisqu'elle va précéder le geste définitif. Ce sont là des évidences sensibles au cœur, mais qu'il faut approfondir pour les rendre claires à l'esprit".²

Mas a angústia pode, outrossim, despertar no homem consciente um desejo de maior participação na vida com os *outros*, fazendo dessa *angústia* e dessa *certeza da morte* uma metafísica de *ação concreta*, capaz de mergulhá-lo nos problemas da existência em sentido lato; nos dizeres de Heidegger, o homem como *formador de mundo*, tornando a sua breve existência útil, produtiva e humanitária. Este seria o conteúdo da *superação*, *superação* como "troca" de "centro". Penso que essa *existência autêntica* pode (e deve) atingir o seu grau maior de visibilidade, outorgando-se à angústia um conteúdo mais elástico e exteriorizado, projetando-a na *alteridade*, seja pela *compaixão* (Schopenhauer), seja pela *responsabilidade* (Levinas), seja pela *libertação* (Dussel). Na esteira desse pensamento, a *Ética* passaria a se constituir como *centro da Metafísica* consoante alvitrado acima, em citação de lavra da Professora Schuback.

O poeta maior de nossa língua, Fernando Pessoa, lança a seguinte pérola, no Livro do Desassossego:

Assim como, quer o saibamos quer não, temos todos uma metafísica, assim também, quer o queiramos quer não, temos todos uma moral.

² "Existe apenas um problema filosófico verdadeiramente sério: é o suicídio. Julgar que a vida vale ou não vale à pena de ser vivida é responder à questão fundamental da filosofia. O resto, se o mundo possui três dimensões, se o espírito tem nove ou doze categorias, vem em seguida. E, se é verdade, como quer Nietzsche, que um filósofo para ser estimado deve pregar o exemplo, aproveita-se a importância dessa resposta porque ela vai preceder o gesto definitivo. Estão ali as provas sensíveis ao coração, mas que precisam ser aprofundadas para que se tornem claras ao espírito."

Tenho uma moral muito simples – não fazer a ninguém nem mal nem bem. Não fazer a ninguém mal, porque não só não reconheço nos outros o mesmo direito que julgo que me cabe, de que não me incomodem, mas acho que bastam os males naturais para mal que tenha de haver no mundo. Vivemos todos, neste mundo, a bordo de um navio saído de um ponto que desconhecemos para um ponto que ignoramos; devemos ter uns para os outros uma amabilidade de viagem. (Pessoa, 2015:216)

Referências bibliográficas

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 1ª edição, São Paulo: Editora Martins Fontes, 2007.

_____. *História da Filosofia*. Tomo 12. São Paulo: Editorial Presença, 2007.

CAMUS, Albert. *Le Mythe de Sisyphe*. France: Gallimard, 1942.

COMTE-SPONVILLE, André. *Dicionário Filosófico*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

HAN, Byung-Chul. *Capitalismo e Impulso de Morte. Ensaio e Entrevistas*. Tradução de Gabriel S. Philipsen. Petrópolis: Editora Vozes, 2019.

HARARI, Yuvel Noah. *Homo Deus – A Brief History of Tomorrow*. London: Penguin Random House, 2015.

BORGES, Gabriela Lafetá. *Supressão da Metafísica e a Ética em alguns pensadores contemporâneos*. Artigo resultante da palestra publicada na UEA-04. UCB, 2008

PESSOA, Fernando. *Livro do Desassossego*. Organização Richard Zenith. 9ª impressão. São Paulo: Editora Schwarcz S.A., 2015.